

Artigo
Corpo Docente

Palavras-chave

Jornalismo e literatura
Modernidade
Lima Barreto

Keywords

Journalism and Literature
Modernity
Lima Barreto

Biografia

Jornalista, mestre e doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná e professor do Curso de Jornalismo da UniBrasil.

**Literatura e Jornalismo:
Estudo das Representações
Sócio-Políticas e Estéticas na
Obra *Recordações do Escrivão
Isaías Caminha***

Roberto Nicolato*

Resumo

A obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, constitui-se num importante objeto de análise para a compreensão do espetáculo da modernidade e das contradições sociais nos primórdios da República no Brasil.

Sob a ótica de um personagem pobre e mulato, possibilita tecer o jogo das representações e das injunções que se configuram entre literatura e jornalismo, no início do século, sob o pano de fundo da vida urbana, na cidade do Rio de Janeiro, em acelerado processo de transformação.

Abstract

Lima Barreto's work *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* is presented as an important object of analysis for the understanding of the show of modernity, such as social contradictions during the first years of Republic in Brazil.

By the point of view of a poor and African descendant character, this book allows to construct the game of representation and injunctions that is configured by the areas of Literature and Journalism. This happens in the beginning of the 20th century, under the urban scene of Rio de Janeiro city, which is going by an accelerated transformation process.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo estudar a relação entre três áreas do conhecimento (literatura, jornalismo e história) na obra de Lima Barreto, com especial ênfase ao livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1907, por uma editora portuguesa. A estrutura da análise segue o curso de indagações, nas quais se poderão obter algumas respostas para a complexa rede que interliga aspectos tanto no campo do jornalismo como no da literatura.

De início, cabe especular: Qual o diálogo mantido entre os dois gêneros no plano temático e da linguagem nas primeiras décadas do século 20? De que maneira os discursos jornalístico e literário atuam como representação da realidade numa sociedade marcada por bruscas transformações de ordem política e social, tendo como necessidade mais premente a consolidação da República no Brasil?

No romance, o mulato Isaías Caminha é um jovem provinciano que se muda para a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, na esperança de vencer na vida pelos seus próprios méritos intelectuais e tornar-se doutor. Ao contrário da cidade do interior, onde todos conspiravam ao seu favor, irá enfrentar no meio urbano as barreiras de cor e de classe. No livro, o escritor faz um ataque veemente à imprensa e aos jornalistas, mais especificamente ao *Correio da Manhã*, fundado em 1901, e que no romance recebe o nome fictício de *O Globo*.

Lima Barreto lança *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1907, na pequena revista *Floreal*, da qual era editor. Por falta de inte-

resse das editoras brasileiras, a obra foi editada somente em Portugal. Conforme o escritor, tratava-se de um livro “desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre”. Esperava “escandalizar” e “desagradar”, mas a obra foi recebida com o silêncio. As poucas críticas o taxaram de roman à clef, no mau sentido, ou de romance panfletário e vingativo.

A análise das representações político-sociais e estéticas da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* será dividida em duas partes. A primeira tem por objetivo revelar como se configura o espaço da rua, onde o protagonista aparece como um observador crítico do espetáculo da modernidade e das contradições sociais. A reforma urbana e remodelação do Rio de Janeiro, empreendida pelo prefeito Pereira Passos, buscava oferecer à capital da República ares de cidade “civilizada” aos moldes de Paris e, para isso, foram abertas grandes avenidas, às custas da expulsão da população proletária do centro da cidade.

A intenção é mostrar de que maneira o personagem/narrador Isaías Caminha se coloca frente às alterações proporcionadas pela nova paisagem que, se por um lado garantia o “embelezamento” e amenizava os efeitos das epidemias que proliferavam na capital, por outro eram implantadas sob as leis de um modelo excludente e de favorecimento aos interesses das elites econômicas e do capital internacional.

Na segunda parte, serão analisadas as injunções sócio-políticas e estéticas que se configuram a partir do dia-a-dia da redação do jornal *O Globo* e o que está em jogo nas relações entre Isaías Caminha e os profissionais

da imprensa. É importante notar que os jornalistas coadunavam com as idéias na época, em vigor, como o positivismo, as teorias de raça e o espírito de modernização e “civilidade”, inspirado no modelo europeu.

Por fim, será explorada a maneira como se interage o intenso diálogo entre a literatura e o jornalismo no início do século 20 e como o autor se coloca nesta questão. É importante ressaltar que apesar de Lima Barreto se postar como crítico impiedoso à modernidade, principalmente no campo do comportamento, o escritor, como um homem de seu tempo, utilizará os mesmos meios decorrentes das novas tecnologias para compor sua obra. No mais espero, com este trabalho oferecer mais uma contribuição aos estudos sobre a obra de Lima Barreto que soube expor, como poucos intelectuais de sua época, as contradições da Velha República.

Uma nova ordem urbana

*“Era uma sala pequena, mais comprida que larga, com duas filas paralelas de minúsculas mesas, em que se sentavam os redatores e repórteres, escrevendo em mangas de camisa. Pairava no ar um forte cheiro de tabaco; os bicos de gás queimavam baixo e eram muitos. O espaço era diminuto, acabado, e bastava que um redator arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na mesa de trás, do vizinho. Um tabique separava o gabinete do diretor, onde trabalhavam o secretário e o redator-chefe; era também de superfície diminuta, mas duas janelas para a rua davam-lhe ar, desafogavam-no muito. Estava na redação do O Globo, jornal de grande circulação, diário e matutino, recentemente fundado e já dispo-
ndo de grande prestígio sobre a opinião.”*

(BARRETO, 2003, p.84).

Enquanto aguarda, na redação de *O Globo* a chegada do repórter Ivan Gregoróvitch, que lhe prometera emprego, Isaías Caminha descreve o ambiente acanhado e sufocante do jornal, considerado caixa de ressonância da efervescente vida carioca do início do século 20. Neste espaço, transitam uma legião de jornalistas medíocres de caráter e inteligência, capitaneados por um diretor violento, oportunista e devasso, conforme nos quer convencer o narrador e personagem. Figuras que correspondiam ao universo da vida real, o que resultou numa fria recepção pela crítica da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicada por Lima Barreto, em 1907, na revista *Floreal*.

No plano ficcional, o jornal é a própria representação do meio urbano, da modernidade que chegava ao Rio de Janeiro, capital da República, apoiada numa série de medidas saneadoras e urbanísticas, empreendidas na presidência de Rodrigues Alves, a partir de 1902. Era necessário “botar abaixo”¹ a cidade colonial, pestilenta, para dar lugar ao cosmopolitismo europeu, inspirado no modelo parisiense de Haussmann.² A remodelação da capital do país foi realizada às custas do capital estrangeiro e sob o fechamento do Conselho Municipal para que o prefeito Pereira Passos pudesse implementar as obras.

¹ A expressão “bota abaixo!” foi utilizada nas charges publicadas em revistas da época para ironizar as reformas que mudavam o perfil urbano da cidade e expulsavam antigos habitantes do centro da cidade.

² Jorge Eugênio Haussmann (1809-1891), barão e político francês, responsável pela renovação urbanística de Paris.

De outra forma, a imprensa ressoava como espaço acolhedor dos ideais positivistas e de uma geração de escritores, para quem imperava o ornamento e o gosto pelas fórmulas prontas. As medidas saneadoras e urbanísticas eram apoiadas por um discurso voltado para a construção da identidade nacional, onde era refutada a visão romântica do mito de origem da nação, propagado durante Império, em prol do cientificismo e do progresso. Segundo Micael Herschmann, os bacharéis passaram a conviver com uma nova classe insurgente, composta de médicos, engenheiros e educadores, para os quais o positivismo proporcionou um “método”; “fez desses cientistas ‘missionários do progresso’, ‘sacerdote do conhecimento’, [e] transformou a ciência no único caminho para se atingir a saúde plena do ‘corpo social’, ‘a civilização’” (HERSCHMANN, 1994, p.56).

É sob o pano de fundo das transformações estéticas e urbanísticas que o personagem pobre e mulato, Isaías Caminha, chega ao Rio de Janeiro, depois de deixar para trás o espaço acolhedor da família e do interior, onde tudo conspirava a seu favor; até mesmo a professora Dona Ester, de ascendência branca, que lhe presenteara com o livro “Poder da Vontade”. Conforme o pesquisador Carlos Fantinati, no livro *O profeta e o escrivo*, o interior é representado no livro como um espaço da solidariedade em contraposição ao meio urbano, onde as redes de sociabilidades são mais complexas, competitivas, motivadas pela ascensão de uma classe social ou coisa parecida. (FANTINATI, 1978, p.78).

O romance de Lima Barreto segue na linha argumentativa de que as condições soci-

ais e materiais do país, no início do século 20, são um empecilho ao projeto do personagem, que acredita vencer na vida pela sua capacidade intelectual, embora Isaías se valha do sistema de compadrio, ao levar para o Rio de Janeiro uma carta de recomendação do Coronel Belmiro para que o deputado, Doutor Castro, lhe consiga emprego. O personagem acreditava que pelo estudo e trabalho ultrapassaria as barreiras de cor e classe. “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...” (BARRETO, 2003, p.26).

Instalado no meio urbano, Isaías assume o perfil de observador do real e o seu grau de consciência lhe confere o poder de revelar as contradições da modernidade, de uma sociedade em rápida transformação. Como um *flâneur* às avessas, vê a realidade mover ao seu redor, percebe o preconceito, o distanciamento entre os estratos sociais, as alterações que vão alterar a paisagem urbana do Rio de Janeiro. É desprezado ao pedir emprego numa padaria e chamado pelo delegado de “mulatinho”, depois de ter sido acusado do roubo de seis contos em dinheiro do Coronel Figueira. “Não tenho pejo em confessar hoje que quando ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu sairia do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo (...).” (p. 59).

Para Osman Lins, Isaías embora assumindo a narrativa, tem algo de um narrador invisível: mais contemplador que atuante, relaciona-se pouco e esporadicamente com as demais personagens, nunca

chegando essas relações a perturbar ou a modificar os destinos alheios. (LINS, 1976, p.34). Lins defende a tese de que Lima Barreto irá inaugurar a incomunicabilidade na ficção brasileira, tese essa, segundo ele, ainda mais presente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* do que *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, por ser o primeiro romance constituído de núcleos individuais. Em Policarpo, eles são mais complexos: “são substituídos por núcleos domésticos” (p.37)

É importante notar que há uma divisão espacial bastante nítida no romance de Lima Barreto. A primeira parte é demarcada pelo universo da rua, enquanto a segunda se fecha no ambiente claustrofóbico do jornal *O Globo*. As representações do espaço urbano, da cidade do Rio de Janeiro, são mediadas pelo olhar subjetivo e pela consciência do personagem, reveladas numa ambientação reflexa, para utilizarmos a linha das tipologias espaciais apresentadas por Osman Lins.³ A paisagem urbana, em *Recordações...*, não cumpre uma função meramente ilustrativa, nem se traduz num elemento de grande importância na articulação do personagem com o enredo na narrativa. É antes de tudo objeto de reflexões, num romance em que vale menos o enredo do que o tom argumentativo para convencer o leitor de que a realidade sócio-econômica conspira contra um personagem mulato e de ascendência humilde.

³ Osman Lins em Lima Barreto e o espaço romanesco classifica três tipos de ambientação: a franca, a reflexa e a dissimulada. Na primeira está associada ao puro descritivismo, na segunda as coisas são percebidas através do personagem tendencialmente passivo e na última, que é mais difícil de perceber, há uma plena harmonia entre personagem e ação.

Já na chegada de Isaías à capital da República, o seu olhar é surpreendido por uma cidade feia, diferente dos seus sonhos ou seja, o espaço urbano já se apresenta como uma afronta às suas concepções estéticas:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me o que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas, e sem beleza alguma.

(BARRETO, 2003, p. 31)

Na medida em que estará transitando pelas ruas do Rio de Janeiro da Velha República, o narrador/personagem cumprirá o papel de testemunha ocular das profundas transformações a que estava sendo submetida a cidade, sob a ideologia do progresso e da modernização. A reforma urbana de Pereira Passos, posta em prática na capital da República, constituía-se de dois grandes empreendimentos: a construção da avenida Central, rasgando o centro da velha cidade onde se amontoavam uma rede de cortiços, quitandas e birosacas, misturados ao centro comercial e financeiro, e a modernização do porto com vistas a oferecer melhores condições ao comércio internacional, especialmente as exportações de café.

A remodelação da área central representou a demolição de cerca de 2.700 prédios, afugentando a população proletária para os subúrbios ou para os morros próximos.

Enfim, a estrutura colonial dava lugar a uma cidade com ares de metrópole “civilizada”. Essa transformação da paisagem urbana é relatada pelo Coronel Figueira, em conversa com Isaías Caminha:

“– Como isto está mudado! Conbeci isto quando era ainda um brejo, um depósito de ciscos... Havia barracos, covas, capinzais... As lavadeiras faziam disto coradouro... Acolá (apontou) estava o teatro, o Provisório...(...) Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tampam umas ruas, abrem outras...”

(p.47).

No lugar dos antigos prédios coloniais e dos cortiços, surgem prédios ao estilo parisiense, onde passam a funcionar grandes companhias, além de bancos, hotéis e repartições públicas. O alargamento e o prolongamento da avenida Beira Mar proporcionaram uma melhor interligação entre o centro e a zona Sul (Flamengo e Botafogo), para onde se deslocou a elite carioca. A zona de São Cristóvão, antes aristocrática, transformou-se em área industrial e os antigos casarões tornaram-se habitações coletivas, onde amontoavam os pobres que, malgrado as suas desavenças, se uniam nos momentos de dificuldades. Um desses espaços vai servir de habitação a Isaías, que o descreve em suas memórias: “De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela cor; no pacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando mútuos serviços”. (p. 127).

O investimento oficial na melhoria dos serviços públicos da capital, entre eles a ampliação da rede de bondes elétricos, possibilitou um adensamento populacional nos subúrbios, espaços que estão presentes na maioria das obras de Lima Barreto e que servem de contraponto à vida elegante de Botafogo, na zona sul. Nesses locais viviam desde militares, funcionários públicos, a profissionais de pouquíssima renda que se amontoavam em “caixinhas” e se misturavam com a “gente elegante” em ruas de traçados irregulares e mal cuidadas pela administração pública, conforme descrição contida no livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (BARRETO, 198-, p.119).

Vale ressaltar que nos romances de Lima Barreto, a modernidade está vinculada a um projeto de reformas urbanas que, se em parte acabava com os profundos males da capital (inclusive as doenças que proliferavam no Rio de Janeiro daquela época, como a peste bubônica, varíola, tifo e febre amarela) e que projetavam a capital ao status de cidade “civilizada”, por outro gerava um modelo econômico-social ainda mais excludente. Além dos problemas advindos da expulsão da população pobre do centro da cidade, as medidas oficiais, inclusive, colocavam em xeque a própria noção de identidade e de pertencimento dos indivíduos no convívio social.

Uma exclusão que também era marcada pela importação de valores estéticos e pela concessão às empresas estrangeiras dos serviços públicos, necessários ao desenvolvimento do país e ao projeto da modernidade. Desprezado na sua condição humilde e de cor, Isaías Caminha se considera um estranho em sua própria terra: “No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja

de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro”. (BARRETO, 2003, p.70). Sentimento que poderia se aprofundar ainda mais se o personagem contemplasse os prédios de estilo parisiense que surgiriam, posteriormente, em decorrência das reformas de Pereira Passos, como a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal, uma pequena réplica da Ópera de Paris.

Quanto à entrada do capital internacional no país, Caio Prado Júnior, em *Histórica Econômica do Brasil*, observa que a ação direta dos interesses comerciais estrangeiros já se fazia sentir desde o Império em setores privados como as estradas de ferro, empresas de mineração e linhas de navegação, entre outros. Após a proclamação da República, essa ação tornou-se mais multiforme e ativa, principalmente com a abertura de filiais de grandes bancos estrangeiros para financiar a produção cafeeira (JÚNIOR, 1987; p.210). Se a entrada de capitais proporciona um desenvolvimento estupendo do país, “a dívida externa do Brasil cresce de pouco menos de 30 milhões de libras por ocasião da proclamação da República, para quase 90 milhões em 1910. Em 1930 alcançará a cifra espantosa de mais de 250 milhões”. (p. 211).

No Rio de Janeiro, a *Light and Power Co. Ltd.*, empresa de capital canadense, obtém em 1905 a concessão para produção de energia elétrica e passa a controlar todas as empresas de bondes e as companhias de telefone e gás. A presença dos estrangeiros não é observada apenas nos negócios, mas também nas ruas do Rio de Janeiro, sob o pano de fundo de uma população mestiça, cada vez

mais excluída das grandes decisões nacionais conforme nos faz pensar Isaías Caminha ao descrever a superioridade dos ingleses.

“Fumavam com desdém e iam convencidos [nos bondes elétricos] na sua ignorância assombrosa que a língua incompreensível escondia de nós, que davam espetáculo a essa gente mais ou menos negra, de uma energia sobre-humana e de uma inteligência sem medida”. (...) Se acaso um dos viajantes dava comigo, afastava logo o olhar com desgosto.”

(p.71)

Lima Barreto continuará mantendo um posicionamento crítico em relação à modernidade nos anos posteriores ao lançamento de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Os emblemas do “progresso”, como o telefone e o cinematógrafo, são considerados por ele, no âmbito moral, nocivos à sociedade e à família. Outro aspecto questionado pelo autor é o próprio tom de artificialidade que envolve os artefatos da era moderna. “Tudo nesta vida é o sucesso”, ironiza numa das passagens da crônica “Amor, cinema e telefone” (BARRETO, 1956, p.105), publicada na *Revista Careta*, em 1920, e depois reunida no livro *Coisas do Reino de Jambon*.

Essa artificialidade que perpassava os costumes e o gosto da elite carioca, adpta às novas tecnologias, no entanto, é expressa de forma ainda mais exemplar no conto “Uma Vagabunda”, que compõe a obra *Histórias e Sonhos*. Com uma composição onde o modo de narrar é mais importante que a questão documental, o escritor coloca em contraponto à cidade moderna, republicana, o universo ainda

roceiro de outra região do Rio de Janeiro. O narrador encontra-se no Campo de Santana, área que ainda não havia sido afetada pela modernidade e, em conversa com um amigo, conta onde encontrou novamente a prostituta Alzira, que ele havia ajudado no passado:

“Uma noite estava sentado entre desanimados, como eu, num banco do Largo da Carioca, considerando aqueles automóveis vazios, que lhe levam algum encanto. Apesar disso, não pude deixar de comparar aquele rodar de automóveis, rodar em torno da praça, como que para dar ilusão de movimento aos figurantes de teatro que entram por um lado e saem pelo outro, para fingir multidão; e como que me pareceu que aquilo era um truc do Rio de Janeiro para se dar ares de grande capital movimentada...”

(BARRETO, 1956, p.195).

É importante notar que o narrador percebe, contempla, o “ambiente artificial” e o espetáculo da modernidade, com “sinistros óculos escuros de mendigo semicego”. O conto termina com uma belíssima imagem, cuja transição do dia para a noite, assim como seus elementos de representação, configuram-se na aparição de dois espaços, do Rio antigo e do moderno, que se encontram, no mesmo ou suposto convívio. “Levantaram-se, saíram do jardim e o advento da noite misteriosa e profunda, era anunciado pelo acender dos lampiões de gás e o piscar dos globos de luz elétrica, naquele magnífico fim de crepúsculo”. (p.196).

Na verdade o posicionamento de Lima Barreto quanto à modernidade não é tão simples quanto se possa parecer à primeira vista. Se Isaías, quando chega à capi-

tal federal, a julga como uma cidade feia, a transformação deste espaço urbano, por outro lado, é consolidada às custas das benesses oferecidas ao capital nacional privado e ao estrangeiro, e sem estar amparada em qualquer política de favorecimento às classes de menor poder aquisitivo. Neste contexto, Alfredo Bosi lança novos lampejos à discussão:

É verdade que se apontaram contradições surpreendentes na ‘ideologia’ de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus detestava algumas formas típicas da modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século: o cinema, o futebol, o arranha-céu e, o que mais grave, a própria ascensão profissional da mulher! Chegava, às vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico no Brasil.

(BOSI, 19—, p. 94).

Segundo ele, o fato de Lima Barreto ter vindo da classe média suburbana explica o seu conservadorismo e a sua xenofobia funcionária como um “instinto de defesa étnico-social”. “Quanto à ojeriza pelos homens e pelos processos da República Velha, explica-se ainda mais naturalmente pela aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889”.(p.94). Ou seja, segundo o próprio escritor, pela substituição de um partido liberal por um conservador. O fato é que ao mesmo tempo em que Lima Barreto é contra a modernidade, ele acaba por utilizar os próprios instrumentos da modernidade: a linguagem, advinda das novas técnicas para compor sua obra, como veremos adiante.

Imprensa, discurso e poder

A transição da primeira para a segunda parte do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* se configura na alteração do espaço: a realidade das ruas cede lugar ao ambiente da redação do jornal *O Globo*, onde os fatos não somente ganham amplitude, mas também são construídas novas realidades. Neste universo, Isaías assumirá novamente o papel de observador, numa atitude contraditória que oscilará entre o pensamento crítico, cáustico, e a adesão ao estilo da vida moderna, urbana, propiciado pela imprensa. Nos dois pólos, em comum a consciência do personagem sobre o poder da imprensa, suficiente para modificar os destinos da nação.

“Era a imprensa, a Onipotente, o quarto poder fora da Constituição” (BARRETO, 2003, p.98), define Isaías depois de observar o trabalho e traçar o perfil dos jornalistas na redação, enquanto aguarda o repórter Ivan Gregoróvitch, que lhe prometera emprego. É preciso, sob este aspecto, dar razão ao personagem. No início do século 20, predominava no Brasil um jornalismo de feições opinativas. A República se consolidava em meio a contínuas crises, marcadas por revoltas populares e militares (Revolta da Armada, Canudos e Revolução Federalista, entre outras), abrindo-se uma crise entre aqueles que defendiam as reformas de cunho social e os que apoiavam a República das oligarquias, advinda da eleição de Prudente de Moraes, e consolidada depois com Campos Sales. Neste caso, a opinião de Isaías converge para o pensamento do próprio escritor Lima Barreto. Conforme atesta Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*

“O fato mais graves porém, o que mais aturdiu a sensibilidade do escritor, era o virtual e nefasto monopólio da opinião pública urbana assegurado pela imprensa. Único meio de comunicação social de ampla penetração no período, quem quer que, pela posição, relações ou recursos, tivesse condições de influir sobre uma ou um conjunto de redações, teria plena projeção pública, recebendo dividendos na forma de mercados, solicitações, notoriedade, respeitabilidade, convites, promoções(...)”
(SEVCENKO, 1985,173).

Se a princípio não era esse o perfil de *O Globo*, uma vez que se postou como um combatente impiedoso do governo, essa tese não se confirmará no decorrer da narrativa quando o jornal se aliará ao poder. *O Globo* foi o nome fictício dado por Lima Barreto ao *Correio da Manhã*, criado em 1901, no Rio de Janeiro, e que fazia uma oposição virulenta ao governo de Campos Sales, conhecido por “comprar” a opinião da imprensa (*O País*, por exemplo). Criado pelo advogado Edmundo Bittencourt,⁴ o jornal nascia com o propósito de ser “neutro” e “combater a causa do povo”, segundo explica Nelson Werneck Sodré, e para quem o veículo expressava sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana (SODRÉ, 1999, p.287).

Assim como o *Correio da Manhã*, o jornal *O Globo* era sustentado pelas vendas avulsas, uma vez que não dependia das publicidades oficiais. Neste sentido, era necessária uma comunicação direta e envolvente com o pú-

⁴ O diretor Ricardo Loberant é o nome fictício de Edmundo Bittencourt no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

blico, garantida através de artigos contundentes contra a administração pública. Neste sentido, a crítica do narrador/personagem é cáustica. “A opinião salvou-o, e a cidade agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o Governo a demitir esta e aquela autoridade. E O Globo vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se...”(p.85).

Se as ruas eram o palco onde se sucediam os acontecimentos, na redação eles eram filtrados pela subjetividade e pelo juízo de valor, contidos em discursos inflamados. Imperava o jornalismo opinativo, centrado na política e na literatura, ainda longe de ser pautado pela busca da objetividade, que ganhou espaço no Brasil a partir da década de 50 com a implantação das técnicas do lead⁵ importadas da imprensa norte-americana. A imprensa e seus profissionais são apresentados em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como agentes da manipulação da opinião pública, capazes de criar motins populares, como o decorrente do projeto dos sapatos:⁶ “O motim obrigara o presidente a demitir a maioria dos ministros, isto é, os ministros atacados pelo *O Globo*. (...) O diário de Loberant ficou sendo quase a sétima secretaria de Estado. As nomeações saíam de lá e as demissões também”. (p.147).

De acordo com Nelson Werneck Sodré, o que enfraquece a sátira de Lima Barreto ao

⁵ Mário E. Erbolato, em *Técnicas de codificação em jornalismo*, define o lead como “parágrafo sintético, vivo, leve com que se inicia a notícia, na tentativa de prender a atenção do leitor.

⁶ O projeto do Conselho Municipal, que foi sancionado e aprovado, determinava que todos os transeuntes do Rio de Janeiro saíssem às ruas calçando sapatos.

Correio da Manhã é que ela “não compreendeu como o papel do jornal que satirizou era positivo, naquela etapa e na relação das condições vigentes” (p.304). Se o historiador e crítico literário tem ou não razão, o fato é que a linha editorial do jornal onde Isaías Caminha trabalhava como contínuo vai se recrudescendo na direção sensacionalista, tanto no campo político quanto policial, a partir do momento em que os crimes passionais também passam a ser motivos para grandes reportagens.

A morte misteriosa de um casal denota-se mais uma vez a abrangência e o poder de fogo do jornal impresso, numa época em que ainda não existiam os meios eletrônicos, como um eficiente veículo de comunicação capaz de aglutinar multidões em torno das notícias. “A rua encheu-se ainda mais. Havia gente de toda a sorte: velhos, moços, burgueses, operários, senhoras – gente de todas as idades e condições. Os que ficavam mais distante, no passeio fronteiro, para ver melhor, punham-se nos bicos dos pés, cheios de ansiedade”. (p.121).

Lima Barreto, como já foi dito, era um crítico mordaz da imprensa republicana. E a sua definição para a figura dos jornalistas está sintetizada na voz de Plínio de Andrade, personagem do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que se assemelha ao próprio escritor. “Nada há parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão e um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência de senso de moral a toda prova...”. Na obra, ele compara os personagens de *O Globo* a figuras de animais.

O jornalista Raul Gusmão (correlato de João do Rio), por exemplo, era caracterizado com uma “fisionomia de porco Yorkshire e seu corpo alentado de elefante indiano, tendo sempre nos lábios aquilo sorriso afetado, um horroroso ríctus, decerto o jeito de sorrir do *Pithecanthropus erectus*”. (p.40) A descrição de Aires D’Ávila, o redador-chefe de *O Globo*, não é menos impiedosa, pois o associa a um boi arrastando a relha. A escolha do jornal *Correio da Manhã*, tematizado de forma impiedosa, de acordo com o biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa, não estava ligada a um ressentimento pessoal, mas ao fato de que o jornal era o de maior representatividade e sucesso no limiar da República.

À parte as comparações e definições, que contribuem para processo argumentativo, o romance assume papel relevante ao problematizar a questão dos intelectuais no período de consolidação da República, no primeiro decênio do século 20. O diálogo entre literatura e jornalismo nunca tinha sido tão intenso. Havia grande presença de escritores na imprensa, entre eles Olavo Bilac, José Veríssimo, Coelho Neto, João do Rio e o próprio Lima Barreto. Eles ocupavam os espaços dos folhetins e das colunas literárias. Era uma maneira de dar visibilidade às suas opiniões e aos seus trabalhos, além da busca de status e remuneração.

Conforme observa Nelson Werneck Sodré, nos jornais do início do século ainda havia um desconhecimento das manchetes. Sonetos eram publicados na primeira página, dedicados ao diretor ou redator da folha, e o noticiário redigido de forma difícil e empolada. Além disso, as chamadas de informações sociais – aniversários, casamentos e festas – apareciam em linguagem melosa e se mistura-

vam com a correspondência dos namorados. “O jornalismo ainda era feito por literatos e confundido com literatura, e no pior sentido” (p.283). E citando o crítico José Veríssimo, arremata: “Como literatura e imprensa se confundiam, então, as repercussões no periodismo eram inevitáveis. Daí a linguagem de baixa literatice nos jornais” (SODRÉ, 1999, p.288)

Ainda conforme Nelson Werneck Sodré, “Isaías Caminha mostra alguns aspectos parciais dessa mediocridade, no palco da imprensa e na fase em que ela, sem ter encontrado ainda a sua linguagem específica, aceitava as fracas muletas de uma literatura decadentista, em tudo e por tudo na correspondência à fase em que as oligarquias dominavam amplamente o país” (p.306).

Na realidade, somente mais tarde o jornalismo opinativo, baseado em artigos políticos e na literatura, também vai ceder lugar para as entrevistas e as reportagens, quando então haverá uma separação entre literatura e jornalismo. Na redação do Jornal *O Globo*, a crônica literária escrita pelo jornalista Floc se alinhava ao espírito estético da época, marcado pela literatura artificial e ornamental de um Coelho Neto ou Gustavo Santiago, escritor que segundo, Paulo Barreto, se alimentava de “salada de violetas”. Floc, que havia visitado Paris, escrevia também a crônica teatral e tratava ainda de temas como literatura e pintura. Faltava-lhe senso estético e era guiado pelo floreio e a origem do artista.

Vale notar que, para além das questões artísticas, as teses defendidas por Floc confluíam para as teorias da raça, do enfraquecimento e neurastenia provocados pela mestiçagem, ou seja, para a tese da degenerescência defendida por Nina Rodrigues muito em voga durante

o início da República. Isto fica claro num diálogo que ele mantém com o jornalista Oliveira, sobre Plínio Andrade, também mulato, que fazia constantes críticas a Loberant, o diretor do jornal. Diz Floc a certa altura: — Ora! Tulessa gente está condenada a desaparecer; a ciência já lhes lavrou a sentença...” (BARRETO, 2003, p. 95). No romance, a tese de Lima Barreto, segundo Osman Lins, é a de justamente mostrar que “as causas de desastres pessoais do mulato Isaías Caminha não estão na carne e no sangue da vítima, mas no exterior: seriam causas de natureza social, e não psicológica, atávica ou antropológica”. (LINS, 1976, p.34).

O jornal, pela sua própria natureza urbana, também vai funcionar como um aliado da modernidade. Seus defensores encontram ressonância e representação no discurso de Aires D’Ávila, ao escrever um artigo, mostrando a necessidade de “civilizar” o Rio de Janeiro, tomando como gancho as discussões sobre projeto que obrigava o uso dos sapatos. Assim, defende a necessidade de “ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional” (BARRETO, 2003, p.117). O Rio deveria ser como Buenos Aires, a verdadeira capital européia.

Em contraponto, o narrador Isaías Caminha vai criticar a tese “civilizatória” e “modernizante” defendida pelo jornalista, sob o argumento de que a intenção da burguesia era aprovar medidas legislativas para transformar a cidade e receber escandalosas indenizações sobre os terrenos. “Os *Hausmanns* pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca:

cocheiros irrepreensíveis, engraxates de *libré*, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais da moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos” (p. 117).

Os jornalistas e intelectuais, que atuavam no jornal, funcionam como caixa de ressonância dos interesses advindos dos representantes de uma classe burguesa urbana, que procurava se impor culturalmente, reproduzindo modelos vindos de Paris. Mas desta, nem o próprio escritor Lima Barreto escapou, o que lhe confere em vários momentos da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* um caráter paradoxal: o processo narrativo é pontuado por expressões francesas, o que revela estar o autor não assim tão desconectado com as transformações provocadas pela modernidade.

Com a morte de Floc, Isaías Caminha torna-se jornalista, ou seja, transforma-se num homem cosmopolita, urbano, pertencente a uma classe dominante. Situação que vai se desfazer quando de seu passeio à Ilha do Governador, juntamente com o diretor de *O Globo*, Loberant, é uma prostituta italiana. Ali, ele estará novamente em contato com referências que o faz lembrar do passado, de sua infância, quando se depara com uma “terra calcinada”, uma casa “baixa”, “caída”, metade de pau-a-pique e tijolo (p. 165).

Para Fantinati, a atitude do personagem representa a volta da coexistência entre passado e passado, e da sobreposição dos valores coletivos e sociais sobre elementos individuais e privados, rompidos com o pacto com o meio urbano assumido pelo personagem à condição de jornalista. (FANTINATI, 1978,

p.102). Por fim, Isaías decide deixar a cidade e se instalar em Caxambi, no Espírito Santo, onde colocará em prática o projeto literário de contar as suas memórias.

Vale afirmar que o diálogo com o jornalismo no livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* não se dá apenas na tematização, sob a perspectiva crítica, da imprensa. O processo de argumentação que predomina é um elemento-chave na composição do romance que, por sua vez, se reveste da mesma natureza opinativa do discurso corrente na imprensa da época. A obra de Lima Barreto é o que se poderia chamar de romance argumentativo, cuja principal opinião a ser defendida é a de que o duplo preconceito – de raça e de classe – serve de barreira à ascensão social no Brasil republicano. E, se Isaías acaba vencedor, pagará um preço alto pela conquista: a traição à sua classe e à sua cor.

Outro aspecto a ser focado se relaciona às implicações dos artefatos da modernidade na produção cultural do início do século 20. Flora Süssekind, em *Cinematógrafo das Letras*, sugere “uma história da literatura brasileira que leve em conta suas relações com uma história dos meios e formas de comunicação, cujas inovações e transformações afetam tanto a consciência de autores e leitores quanto as formas e representações literárias propriamente ditas (SÜSSEKIND, 19, p.26).

Por mais conservador que pareça sob alguns aspectos, principalmente no campo comportamental, Lima Barreto era um homem de seu tempo e não ficou ileso ao diálogo intenso entre a técnica literária e a disseminação de novas técnicas de impressão, reprodução e difusão vigentes no país naquele perí-

odo, referidas pela autora. É aí, no entanto, que reside outra das contradições do autor, pois ao mesmo tempo em que combate os novos artefatos da modernidade, utilizará como ferramenta para compor sua obra os meios decorrentes deste mesmo processo.

Conforme Flora Sussekind, Lima Barreto reelaborava os recursos do jornalismo para serem aproveitados literariamente (p.24). Assim como ela, não foram poucos os críticos que acusaram o estilo jornalístico na narrativa do autor, alguns condenando, como José Veríssimo que apontou o “excesso de personalismo” e “muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo(...)”, embora vendo nele o elemento principal para o fazer superior, que é o talento; outros viam a virtude de uma literatura militante. E nesta acepção, encaixa-se a crítica de Alfredo Bosi, para quem

“nos romances de Lima Barreto, há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, às vezes só mencionados ou esboçados, naquela linguagem fluente e desambiciosa que se sói atribuir ao gênero. O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, ao bom jornalista) foi considerável: mas a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de conformismo e academicismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscaras no texto literário.”
(BOSI, 19, p.95).

O próprio Lima Barreto encarrega-se de tratar da questão, no texto intitulado “Amplius”, publicado originalmente em 1916 como resposta a uma carta anônima por ocasião do lançamento de *Triste fim de Policarpo*

Quaresma. Ou seja, revela que essa é a linguagem que coaduna com o tipo de literatura militante que exerce:

“O meu correspondente acusa-me também de empregar processos de jornalismo nos meus romances, principalmente nos meus primeiros romances, principalmente no primeiro. Poderia responder-lhe que, em geral, os chamados processos do jornalismo vieram do romance; mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum, desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo(...).”

De uma certa forma, o discurso de Lima Barreto em muito se aproxima dos aspectos básicos que compõem a natureza das preocupações jornalísticas, entre elas a atualidade e a busca de maior proximidade com o leitor. O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* prioriza a informação, ou melhor,

toma-a como principal matéria-prima, mais do que o enredo, para denunciar as mazelas de uma sociedade preconceituosa, excludente. Com um estilo singular, não temeu retratar uma realidade mais imediata e, porque não, mais propícia à pena dos jornalistas.

O escritor não temeu os riscos de registrar em forma de produção literária uma fração da história brasileira sem que ela estivesse efetivamente consolidada. Lima Barreto adotou uma estrutura narrativa capaz de oferecer maior longevidade ao romance, sob a hipótese de vê-lo desatualizado, corrompido pelo tempo e de ser taxado pela crítica com o emblema de obra datada. Conforme atesta Alfredo Bosi, em *Dialética da Colonização*, “Lima Barreto olhou na cara este seu presente, que foi a República Velha. Como observador que se sabe vencido, mas não submetido à máquina social”. (BOSI, 1992, p.267). ■

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.
- BARRETO, Lima. *Coisas do Reino do Jambon: Sátira e folclore*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- _____. *Histórias e sonhos: contos*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- _____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Ediouro, 198-.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *A literatura brasileira: o pré-modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix. 19—.
- ERBOLATO, Mário. L. *Técnicas de Codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1981.
- FANTINATI, Carlos Erivany Fantini. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: Editora Ilpha-Hucitec, 1978.
- JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. 35 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- HERSCHMANN Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). *A invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 19—.

BARRETO, Lima. "Amplius". www.bbvirt.futuro.usp.br.